



FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - FATECS

CURSO: CIÊNCIAS CONTÁBEIS

TATIANE GOMES DE CARVALHO

RA: 20941270

**UMA ANÁLISE DE MERCADO DO COMPORTAMENTO DAS EMPRESAS QUE
AUDITAM S/A.**

BRASÍLIA

2013

TATIANE GOMES DE CARVALHO

**UMA ANÁLISE DE MERCADO DO COMPORTAMENTO DAS EMPRESAS QUE
AUDITAM S/A.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como um dos requisitos para a obtenção do título de bacharela em Ciências Contábeis do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Orientador: Prof. Me. Luiz Felipe Figueiredo de Andrade.

Brasília

2013

TATIANE GOMES DE CARVALHO

**UMA ANÁLISE DE MERCADO DO COMPORTAMENTO DAS EMPRESAS QUE
AUDITAM S/A.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado como um dos requisitos para
a obtenção do título de bacharela em
Ciências Contábeis do UniCEUB – Centro
Universitário de Brasília.

Orientador: Prof. Me. Luiz Felipe
Figueiredo de Andrade.

Brasília, 24 de junho de 2013.

Banca examinadora

Orientador: Luiz Felipe Figueiredo de Andrade.

Examinador: Giovane Segadilha

Examinador: Daniel Cerqueira

UMA ANÁLISE DE MERCADO DO COMPORTAMENTO DAS EMPRESAS QUE AUDITAM S/A.

Tatiane Gomes De Carvalho¹

RESUMO

O presente trabalho trata da análise de quais as empresas de auditoria que mais auditam entidades listadas na BM&FBOVESPA. Com o objetivo de verificar as empresas de auditoria independente que mais auditam instituições listadas na BM&FBOVESPA. Foi utilizado um estudo de natureza exploratória e pesquisa bibliográfica, em uma amostra de 3.393 pareceres de auditoria independentes coletadas no site da Bovespa, de 261 companhias listadas no novo mercado da BM&FBOVESPA nos anos de 2000 a 2012. Chegou-se à conclusão de que a empresa do segmento de Consumo e varejo foi auditada a maioria das vezes pelas “Big Four”, seguidos pela BDO Trevisan. Energia e Saneamento foram pelas “Big Four”, BDO Trevisan e pela Arthur Andersen. Financeiro- KPMG, Price Waterhouse Coopers, Deloitte Touche Tamatsu, Peformace, BDO Trevisan e BKR Lopes. Holdings- BDO Trevisan, e pelas “Big Four”. Imobiliária e Construção- pelas “Big Four”, Terco Grant, e BDO Trevisan. Industrial- “Big Four”, BOD Trevisan e Bolcinhas& Campos. Mineração- Price Waterhouse Coopers, KPMG, Deloitte Touche Tamatsu e Acal Consultoria. Papel e Celulose- “Big Four”. Petróleo e Gás- “Big Four” e a BDO Trevisan. Petroquímico- “Big Four”. Saúde- “Big Four”. Seguros com apenas uma empresa listada a empresa que mais auditou ao longo do período analisado foi a Deloitte Touche Tamatsu. Siderurgia- Price Waterhouse Coopers, Deloitte Touche Tamatsu e a Ernst & Young. Telecomunicações- “Big Four”. Tecnologia e Internet- KPMG, BDO Trevisan, Peformace e a Price Waterhouse Coopers. Transporte e Logística- “Big Four”. Outros- Classificados como Instituições de ensino superior, Estacionamentos e outras, sendo mais auditada pelas empresas PWC, KPMG, DELOITTE, BDO Trevisan e pela Ernst.

Palavras-Chave: Auditoria. Rodízio de firmas de auditoria. Instrução CVM nº308/99. Instrução CVM nº 509/11.

¹ Bacharelada em Ciências Contábeis.

1 INTRODUÇÃO

A auditoria surgiu da necessidade que os usuários das informações contábeis tinham de contar com uma opinião independente, objetiva que viesse a congregiar credulidade e fiabilidade aos ativismos da gerencia, por meio das demonstrações contábeis, sobre a situação econômica e financeira da empresa. (CREPALDI, 2010).

Para Lopez (2002) a auditoria é uma tecnologia aplicada aos exames dos registros, demonstrações ou qualquer informação contábil, objetivando prestar opiniões, conclusões, críticas e orientações sobre situações ou fenômenos ocorridos no patrimônio das empresas sendo ela pública ou privada.

No Brasil, o movimento que reuniu os auditores iniciou-se em São Paulo há 30 anos, por meio do Instituto de Contadores Públicos do Brasil, onde posteriormente vieram a surgir outras instituições, como o Instituto Brasileiro de Auditores Independentes na Guanabara ICARGS. (SÁ, 2002).

No final de 1971 formou-se o Instituto de Auditores Independentes, reconhecido pela Resolução nº 317 do Conselho Federal de Contabilidade- CFC, a partir desta norma o Banco Central do Brasil- BACEN publicou a Resolução nº 20 de 10 de outubro de 1972, que estabeleceu as condições para a auditoria dos demonstrativos contábeis das empresas sob sua supervisão. Em sequência, outras normas foram publicadas orientando e regulamentando tanto a profissão quanto a atuação do auditor independente.

Acontecimentos de fraudes e falhas no Brasil e no exterior também impulsionam a necessidade por esta atividade. No Brasil, por exemplo, temos o caso do Banco Econômico que tinha sua sede em Salvador e faliu em 1994 por gestão fraudulenta, entrando em liquidação judicial em 1996 e do Banco Nacional sediado em Minas Gerais, que falido desde 1986, por má administração, sobreviveu por dez anos, e entrou em falência em 1996, esta instituição auditada pela KPMG por vinte anos, que validava os balanços como peças reais e perfeitas, quando na verdade eram lançamentos falsos. (PATURE, 2001).

No âmbito internacional, ocorreu nos Estados Unidos o escândalo Enron, onde uma empresa de energia, inflou seus lucros artificialmente, com que braem 2001, esta empresa era

auditada pela Arthur Andersen, que foi indiciada pela justiça americana por destruir vários documentos ligados à Enron. Na mesma linha, a empresa de telefonia WorldCom, também auditada pela Arthur Andersen, falsificava os balanços e lançamentos contábeis, onde as perdas eram tidas como investimentos, falindo em 2002.

A Comissão de Valores Mobiliários- CVM criou em 14 de maio de 1999 a Instrução CVM nº 308 que relata a importância do rodízio de auditoria, em seu art. 31 que diz para as empresas não passar um prazo superior a cinco anos consecutivos com o mesmo auditor, exigindo-se um prazo de três anos para a sua recontração.

Posteriormente esta foi alterada pela instrução normativa CVM nº 509/2011 passando a vigorar acrescida dos artigos 31-A, 31-B, 31-C, 31-D, 31-E, 31-F. O art. 31-A, diz que o prazo estabelecido para as empresa passarem com a mesma empresa de auditoria é de 10 (dez) anos consecutivos em caso de a companhia auditada tenha um Comitê de Auditoria Estatutário- CAE, em funcionamento permanente e que o auditor seja uma pessoa jurídica.

Diante deste contexto verifica-se a necessidade de visualizar o comportamento das empresas que auditam instituições listadas na Bovespa. Então tem-se a questão de pesquisa: **Quais as empresas de auditoria que mais auditam entidades listadas na BM&FBOVESPA?**

O objetivo do presente trabalho foi verificar as empresas de auditoria independente que mais auditam instituições listadas na BM&FBOVESPA. Em se tratando de objetivo específico, verificou-se o comportamento por segmento ao final de cada período de 2000 a 2012.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A origem da auditoria no Brasil

A auditoria tem como origem a palavra *audire*, em latim, que significa ouvir. Sá (2002) diz que não se conhece ao certo a data nem a origem em que a denominação auditor teve origem, mas que pode-se admitir que foi consagrada na Inglaterra, no reinado de Eduardo I.

Quanto ao primeiro parecer, Ricardinho (2004), afirma que o primeiro parecer de auditoria conhecido em território nacional foi emitido a mais de um século. Foi o caso do balanço da São Paulo Tramway Light & Power Co., relativo ao período compreendido entre junho de 1899, data de fundação da empresa, e 31 de dezembro de 1902, certificado pelos auditores canadense Clarkson & Cross atual Ernst & Young- conforme cópia apresentada a seguir:

AUDITORS' CERTIFICATE.

We have audited the books and accounts of the Sao Paulo Tramway, Light and Power Company at the Head office in Toronto, Canada, from its inception in June, 1899, to 31st December, 1902, and hereby certify that all disbursements have been satisfactorily vouched and recorded. We have also audited the returns from the office at Sao Paulo of their operations, and find the result thereof to be correctly stated in the accompanying report.

CLARKSON & CROSS.

Toronto, 9th April, 1903.

Figura 1- primeiro parecer de auditoria

Fonte: Trabalho acadêmico, Ricardinho, abril de 2013

De acordo com Mills (1996), a primeira empresa de Auditoria a ingressar no Brasil foi a Price Waterhouse & Peat Marwick, atual Price Waterhouse Coopers-PWC, em 1915. Porém, a Deloitte Touche Tohmatsu assegura que sua empresa instalou o seu primeiro escritório no Brasil, por volta de 1911 na cidade do Rio de Janeiro e depois, em Recife, em

1917. Há relatos de outras empresas que ingressaram no Brasil, como a Arthur Andersen em 1957, a Arthur & Young, atual Ernest & Young, em 1959, data que permite inferir a instalação das cinco maiores empresas de auditoria do mundo à época, conhecidas como “Big Five”.

De acordo com Crepaldi (2004) a Arthur Andersen foi também uma das pioneiras a se instalar no Brasil, tendo um escritório no Rio de Janeiro desde 21 de outubro de 1909, sob a antiga denominação MCAuliffe DAVIS BELL & CO.

Com o passar do tempo, o significado de auditoria ficou mais uniforme. Segundo Almeida (2012), a auditoria externa ou auditoria independente surgiu como parte da evolução do sistema capitalista. Com a expansão do mercado e o acirramento da concorrência, houve a necessidade de as empresas ampliarem suas instalações fabris.

A instalação de diversas empresas de auditoria independente no Brasil ocorreu em função da necessidade legal, de auditoria dos investimentos no exterior. Essas empresas praticamente iniciaram a auditoria no Brasil e trouxeram todo um conjunto de técnicas de auditoria, continuamente aperfeiçoadas. Desde então, empresas foram surgindo e prestando seus serviços em todo território nacional. Em 2001, havia 301 empresas de auditoria cadastradas na CVM, (CVM, 2012).

No Brasil, com o surgimento do mercado de capitais, através da Lei nº 4.728 de 14 de 1965 houve um aumento da necessidade de auditoria independente, que refletiu em fortalecimento através das regulamentações e exigências como a Resolução nº 220, de 10 de maio de 1972 do Banco Central do Brasil-BACEN pelo Conselho Federal de Contabilidade via Resolução CFC nº 851/99 pela criação do Instituto dos Auditores Independentes do Brasil- IBRACON, criado em 13 de dezembro de 1971.

ANO	ACONTECIMENTO
1880	Criação da Associação dos Contadores Públicos Certificados na Inglaterra.
1894	É criado na Holanda o Instituto Holandês de Contabilidade Pública.
Início do século XX	Surgimento das grandes corporações americanas e rápida expansão de mercado de capitais.
1964	Criação do Conselho Monetário Nacional – CMN
1965	Surgimento do mercado de capitais com a Lei nº 4.728
1971	Criação do IBRACON (Instituto Brasileiro de Contadores)
1972	Resolução do BACEN Nº 20 que estabelece condições para auditoria das demonstrações contábeis.
1973	Surgimento da FASB (Financial Accounting Standards Board), nos EUA, com o objetivo de aperfeiçoar os procedimentos, conceitos e normas contábeis.
1976	Com a Lei 6404, Lei das Sociedades por Ações, foi normatizada as práticas e relatório contábeis.
1976	Criação da CVM (Comissão de Valores Mobiliários), com a Lei nº 6385, que tem responsabilidade de normatizar as normas contábeis e os trabalhos de auditoria e os trabalhos de auditoria das empresas de capital aberto, além de fiscalizar.
1977	Surgimento do IFAC (International Federation of Accountants) com a missão de emitir padrões profissionais, além de buscar também a convergência internacional desses padrões.
2001	Surgimento do IASB (International Accounting Standards Board),
2011	Instrução Normativa da CVM nº 509 que fala da importância do rodízio de auditoria.

Tabela 1 - Evolução da Auditoria

Fonte – Trabalho acadêmico, Soares, abril de 2013

2.2 O Auditor Independente

O auditor é aquele que se empenha aos trabalhos de auditoria, constantemente, como livre exercício de um mister técnico, como especialização contábil. (LOPES, 2002).

No que corresponde à responsabilidade do auditor, QUEIROZ (2007) relata que a detecção de erro ou fraude, até mesmo não intencional, diz respeito ao planejamento da auditoria onde se possa ter segurança razoável de que as demonstrações contábeis não contenham distorções relevantes causadas por erro ou fraude.

Para Almeida (2003), o objetivo principal do auditor externo ou independente é emitir uma opinião sobre as demonstrações financeiras auditadas. A NBC-TA-200 que trata dos objetivos gerais do auditor independente, em seu item 11-12 afirma que:

O objetivo geral do auditor é obter segurança razoável de que as demonstrações contábeis como um todo estão livres de distorções relevantes, independentes se causadas por fraude ou erro, possibilitando assim que o auditor expresse a sua opinião sobre se as demonstrações contábeis foram elaboradas em todos os aspectos relevantes, em conformidade com a estrutura de relatório financeiro aplicável.

2.3 Escândalo Corporativo na Auditoria Independente.

Os acontecimentos sobre fraudes e escândalos corporativos onde aconteceram grandes prejuízos para alguns acionistas, leva a falta de confiança sobre a veracidade das informações divulgadas pelas empresas, criando instabilidade em relação à segurança nos negócios.

Um especialista em prevenção de fraudes da Price Waterhouse Coopers disse uma certa vez “Toda fraude começa pequena. O funcionário vai testando os controles aos poucos, até sentir-se seguro para voos maiores.” (GOLDEN, 2002) NBCT 11-IT-03 define fraude e erro como:

Fraude, ato intencional de omissão ou manipulação de transações, adulteração de documentos, registros e demonstrações contábeis;

Erro ato não intencional resultante de omissão, desatenção ou má interpretação de fatos na elaboração de registros e demonstração contábil.

Compreende-se então que o auditor não tem a função de evitar a fraude ou o erro e sim de analisar e emitir uma opinião sobre as demonstrações contábeis. Devido à várias fraudes, uma delas a da Enron que ocorreu nos Estados Unidos e que repercutiu em todo o mundo. Segundo a revista IstoÉ Dinheiro (2002), as “Big Five” eram compostas pelas empresas Deloitte Touche Tohmatsu, Ernst & Young, KPMG, Price Waterhouse Coopers e Arthur Andersen. Com o escândalo da Enron, os clientes começaram a não contratar a Andersen, responsável por auditar os balanços da empresa de energia.

A Enron era uma gigante americana no setor de energia elétrica, alvo de uma série de denúncias de fraudes contábeis e fiscais. Os lucros e contratos da Enron foram inflados artificialmente. O que provocou abertura de dezenas de investigações criminais contra executivos da Enron e da Andersen. Com uma dívida de US\$ 13 bilhões, o grupo arrastou a Arthur Andersen, que fazia a sua auditoria. Extinguindo-se assim as “Big Five” e dando origem à “Big Four”, que hoje é composta pelas empresas Deloitte Touche Tohmatsu, Ernst & Young, KPMG, Price Waterhouse Coopers. Isso evidenciou a importância de uma auditoria bem feita, e a questão do rodízio de auditoria para que não haja uma relação duradoura com os clientes. (Assi, 2010)

2.4 Mercados de Capitais

A Bolsa Livre surgiu em 23 de agosto de 1890 foi fundada por Emílio Rangel Pestana que daria origem à Bolsa de Valores de São Paulo, encerrando suas atividades em 1891 e, quatro anos depois em 1895, foi aberta a bolsa de fundos públicos de São Paulo, que deu continuidade a evolução do Mercado de Capitais brasileiro. Em 1935, a Bolsa de Valores de São Paulo teve seu nome alterado para Bolsa Oficial de Valores de São Paulo. Até meados da década de 1960, a Bovespa e as demais bolsas brasileiras eram entidades oficiais corporativas, dos governos estaduais. (BM&FBOVESPA,2013)

Em 1965 as Bolsas assumiram as características institucionais, transformando-se em associações civis sem fins lucrativos, com autonomia administrativa, financeira e patrimonial. Em 1967 a entidade passou a se chamar Bolsa de Valores de São Paulo. Em 1971 a Bolsa de Valores do Rio de Janeiro começou a perder espaço para a Bovespa. No ano de 2000, as Bolsas de Valores de São Paulo e demais locais foram integradas. A Bolsa de Valores hoje denominada como BM&FBOVESPA é uma unidade auto reguladora que opera sob a supervisão da Comissão de Valores Mobiliários- CVM. (BM&FBOVESPA,2013)

A Lei 4.595 de 31 de dezembro de 1964 dispõe sobre a política e as Instituições Monetárias Bancárias e Creditícias, cria o Conselho Monetário Nacional. Em seu art. 1º a Lei define a constituição do Conselho Monetário Nacional, o órgão deliberativo máximo do Sistema Financeiro Nacional, que lhe compete estabelecer as diretrizes gerais das políticas monetárias, cambial e creditícia e regular o funcionamento e fiscalização das instituições financeiras.

Em 14 de julho de 1965 criou a Lei 4.728/65 que disciplina o mercado de capitais e estabeleceu medidas para o seu desenvolvimento, ou seja, passou a ser estatuto básico do Mercado de Capitais brasileiro. Nela estão inseridas as regras que procuravam revitalizar o mercado, como também indica o estabelecimento de padrões de conduta para os participantes do Mercado de Capitais, determinando que os mercados financeiros e de capitais sejam disciplinados pelo Conselho Monetário Nacional e fiscalizado pelo Banco Central do Brasil e introduzindo a figura do auditor independente.

No ano seguinte o BACEN publicou a Resolução nº 39 de 20 de outubro de 1966, que reforçou as atividades dos auditores, determinou que o balanço geral deveria ser “Certificado por auditor independente, registrado no Banco Central.” Em 1968, através da Resolução nº 80, o BACEN estabeleceu também a necessidade de parecer de auditor independente como documento complementar ao pedido de registro de sociedades com intenção de negociar títulos. Em 1976, através da Lei nº 6.385, foi criada a CVM que passa a ser responsável pela fiscalização do Mercado de Capitais.

2.5 Rodízio de Auditoria.

Desde que foi testado pela primeira vez em 2004, o rodízio de auditores é alvo de controvérsias e críticas, segundo a Revista Capital aberto “para aqueles que o defende, essa é uma ótima forma de preservar os auditores do olhar desatento e perigosamente confiante que pode emergir de relações duradouras com clientes. Para os que são contra, trata-se de uma opção ineficiente e intervencionista de buscar a independência desse profissional”.

Em entrevista à Revista Capital Aberto a ex-presidente da Comissão de Valores Mobiliários- CVM, Maria Helena Santana afirma “não podemos voltar apenas ao rodízio de sócios a cada cinco anos previsto pelos auditores, principalmente depois das evidências do estudo sobre as melhorias de qualidade”

Para Oliveira (2007) “A implementação do rodízio de firmas de auditoria, tem como maior benefício a prevenção do suposto compromisso e comprometimento dos auditores e seus clientes, já que uma relação prolongada pode gerar resultados viciados, afetando a sua independência”.

Contudo Myers et al.. (2003, p. 780), apud Gabriela (2012, p. 12), relata que o rodízio aumenta os custos no primeiro período de auditoria,” bem como riscos de falhas de auditoria em função de ser preciso mais confiança nas representações e estimativas dos clientes nos anos iniciais do relacionamento do auditor-auditado”.

GABRIELA (2012, P. 12), afirma que “este entendimento implica em que, ao longo do tempo, o auditor ganhe crescente conhecimento específico da entidade, que melhora seu entendimento do negócio do cliente, seus riscos e controles”.

Diante de várias afirmações contrárias e a favor do rodízio de firmas, verificou-se que existe divergência de opiniões sobre a relevância do rodízio de auditoria.

3. METODOLOGIA

Este estudo caracterizou-se como bibliográfico. A pesquisa bibliográfica é composta de procedimentos técnicos, formado inclusive de livros e artigos científicos (GIL, 2002).

Buscou-se verificar quais as principais empresas que fazem auditoria em instituições de capital aberto listadas na Bolsa de Valores de São Paulo, BM&FBOVESPA, para tal, realizou-se a coleta dos dados dos pareceres de auditoria de todas as empresas listadas.

Os pareceres foram coletados via consulta à base de dados da BM&FBOVESPA, disponível no endereço eletrônico <http://www.bmfbovespa.com.br> a coleta foi realizada no período de 19\03\2013 a 15\04\2013.

Analisou-se 532 empresas brasileiras e internacionais com ações negociadas na Bolsa de Valores de São Paulo- BM&FBOVESPA, Quando não encontrado o parecer de auditoria, foram verificados os relatórios financeiros, anuais e trimestrais de 2000 a 2012, classificando as empresas por tipo de empresa que elaboraram as respectivas auditorias.

Para manter a uniformidade e a clareza dos dados, empresas, que por qualquer motivo não possuíam dados sobre os auditores independentes para o período analisado da pesquisa (2000 a 2012) foram desconsideradas da pesquisa em questão. A tabela abaixo apresenta o total de empresas existentes em comparação ao percentual de empresas analisadas, por segmento.

Segmento	Total de Empresas	Quantidade de empresas	(%) de empresas analisadas
Financeiro	137	134	97,8%
Energia e Saneamento	75	74	98,6
Industrial	62	62	100%
Consumo e Varejo	55	55	100%
Imobiliária e Construção	53	53	100%
 Holding	32	32	100%
Transporte e Logística	23	23	100%
Telecomunicações	12	12	100%
Tecnologia e Internet	11	11	100%
Saúde	9	9	100%
Siderúrgico	8	8	100%
Petroquímico	8	8	100%
Petróleo e Gás	7	7	100%
Papel Celulose	6	6	100%
Mineração	6	6	100%
Seguros	1	1	100%
Outros	27	26	100%
TOTAL	532	527	100%

Tabela 2 - Número de Empresas Listadas na Bolsa de Valores de São Paulo.

Fonte - Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

Totalizando o número de 527 empresas analisadas, das 532, apenas 5 empresas não foram analisadas, pois não divulgaram informações referentes aos pareceres de 2000 a 2012, sendo 1 delas do segmento de energia e saneamento, 3 do financeiro e 1 classificadas como outras.

O anexo do presente trabalho apresenta para cada ano e segmento quadro com o número de empresas existentes, analisadas e o percentual de participações das empresas de auditoria.

4. ACHADOS DE PESQUISA

Todas as empresas listadas na bolsa de valores a BM&FBOVESPA, foram segmentadas nas áreas de Consumo e Varejo, Energia e Saneamento, Financeiro, Holding, Industrial, Imobiliário e Construção, Mineração, Petroquímico, Petróleo e Gás, Papel Celulose, Saúde, Seguros, Siderúrgico, Tecnologia e Internet, Telecomunicações, Transporte e Logística, e em Outros, sendo este instituições de ensino superior, gerenciamento de concessões públicas, agropecuária e outros.

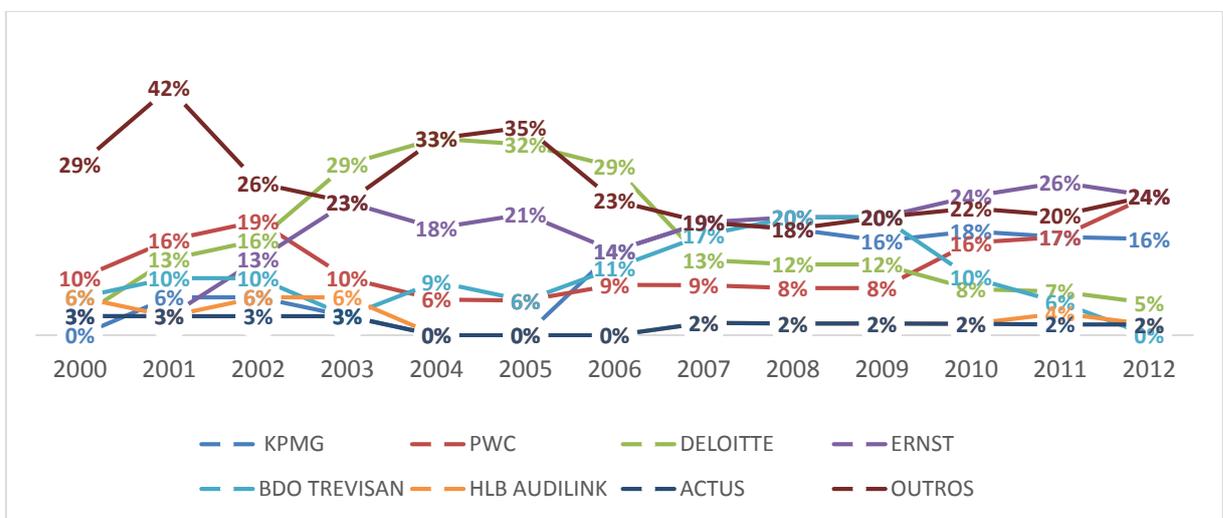


Gráfico1–Segmento Consumo e Varejo.

Fonte - Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

Até 2002 a Price Waterhouse dominava o segmento de Consumo e Varejo, a partir de 2003 a Deloitte assume com 29% e em 2004 com 33% caindo em 2005 para 32% e em 2006 para 29%. Em 2007 a KPMG e a Ernst assumem com 19%. Em 2008 a Trevisan assume junto com a Ernst com 21% e em 2009 com 20%. Em 2010 a Ernst assume com 24% aumentando sua participação em 2011 passando a ficar com 26%. Em 2012 a Price Waterhouse e a Ernst ficam na frente com 25% junto com outras empresas. Em 2012 as “Big Four” auditaram 69%.

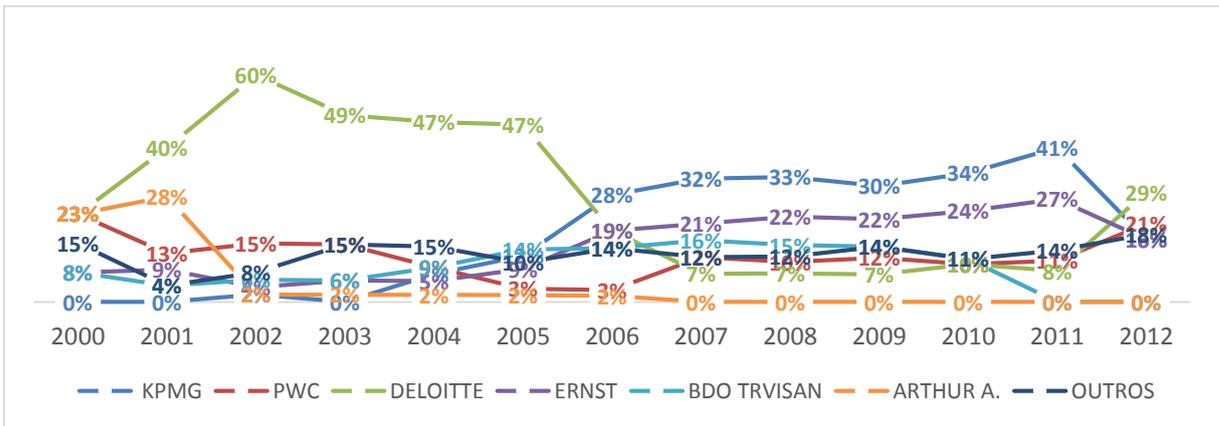


Gráfico 2 – Segmento Energia e Saneamento.

Fonte - Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

Deloitte deteve a maior parte do mercado do segmento de energia e saneamento até 2005. A partir desta data, permaneceu com 7% do mercado até 2009, retomando certo crescimento na auditoria de empresas desse segmento, encerrando o ano de 2012 com 29%. A Arthur Andersen, empresa de auditoria considerada como “Big Five” antes do escândalo da Enron, detinha 28% das empresas de energia e saneamento em 2001, chegando a 2% em 2002 e a 0% em 2007, o que permite inferir o reflexo deste escândalo nas contratações desta instituição, principalmente neste segmento. Entre 2006 e 2011 a KPMG dominou este segmento, seguida pela Ernst Young. As empresas de auditoria, consideradas “Big Four” detêm, juntas, mais de 70% das empresas deste segmento em todo o período, chegando em 2012 com 80%.

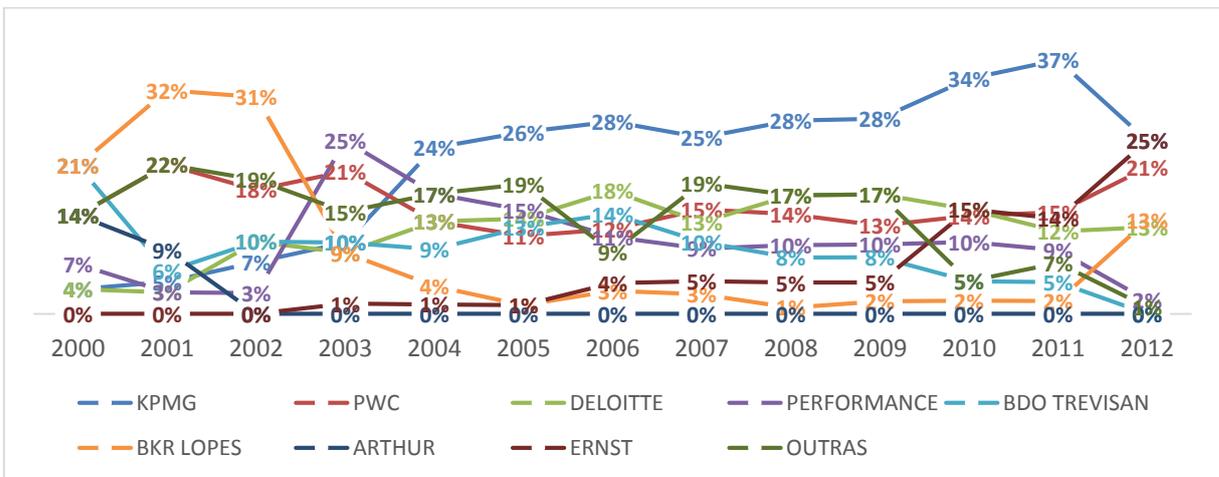


Gráfico 3 – Segmento Financeiro.

Fonte - Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

Observou-se queda da Arthur Andersen de 9% para 0% a partir de 2002. BKR Lopes detinha mais de 30% do mercado em 2002, reduzindo sua participação a partir de 2003, a qual se manteve abaixo de 5%, até 2011, onde apresentava uma nova alta de participação, chegando em 2012 a 10%. KPMG, PWC e Ernst detêm juntas, 54% do segmento financeiro em 2012. As “Big Four” deteve 63% deste segmento em 2012.

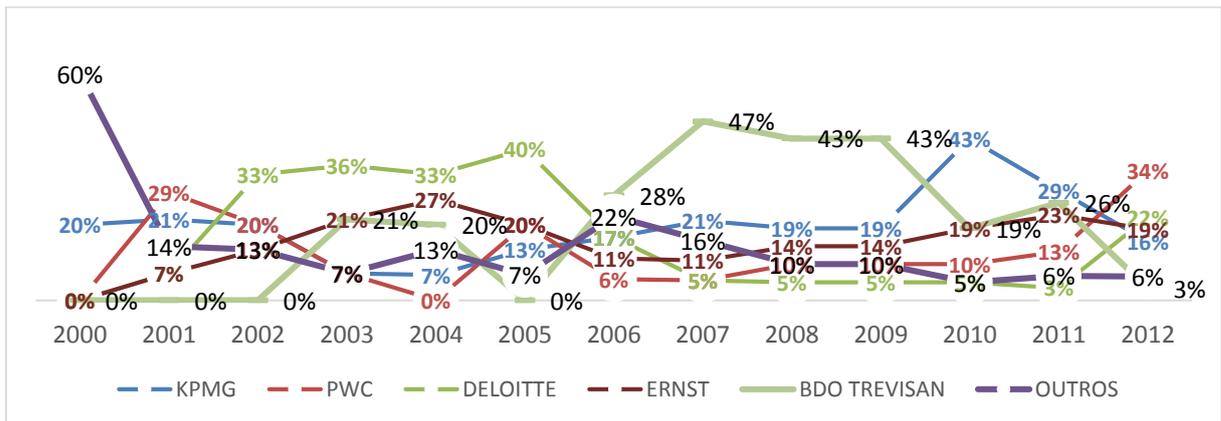


Gráfico4–Segmento Holding.

Fonte - Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

A PWC, Ernst, Deloitte e KPMG, detêm 91% deste segmento em 2012. BDO Trevisan detinha 0%, chegando a 21% a partir de 2003. Apesar de deter 22% em 2012, a Deloitte não mais é líder deste segmento desde 2006. A BDO Trevisan detém 3% deste segmento em 2012, apresentando leve queda, frente aos últimos anos. Em 2012 as “Big Four” deteve 91%.

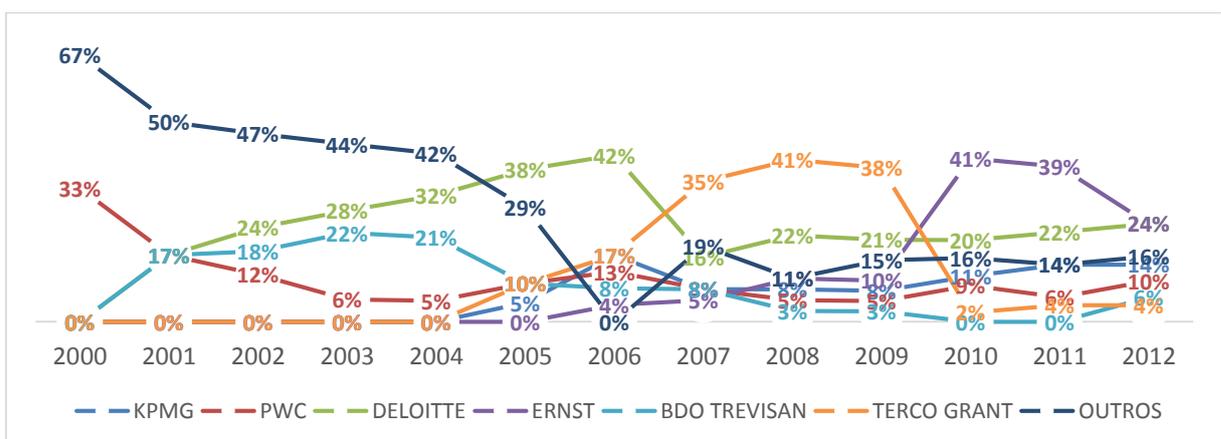


Gráfico5 –Segmento Imobiliária e Construção.

Fonte - Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

A Ernst e a Terco Grant não auditavam empresas deste segmento até 2005. A partir de 2006 apresenta uma crescente de participação, chegando a 41% das empresas deste segmento em 2010, com aumento para 43% em 2012. A Deloitte é a empresa que se mantém em nível de participação mais relevante ao longo do período, detendo, em média, mais de 20% do mercado nos últimos 10 anos, seguido da Ernst. A empresa Terco Grant surge auditando este segmento a partir de 2005 chegando a deter 41% deste mercado em 2008, com queda expressiva em 2010, passando a dominar apenas 2%. As “Big Four” detêm 68% deste segmento em 2012.

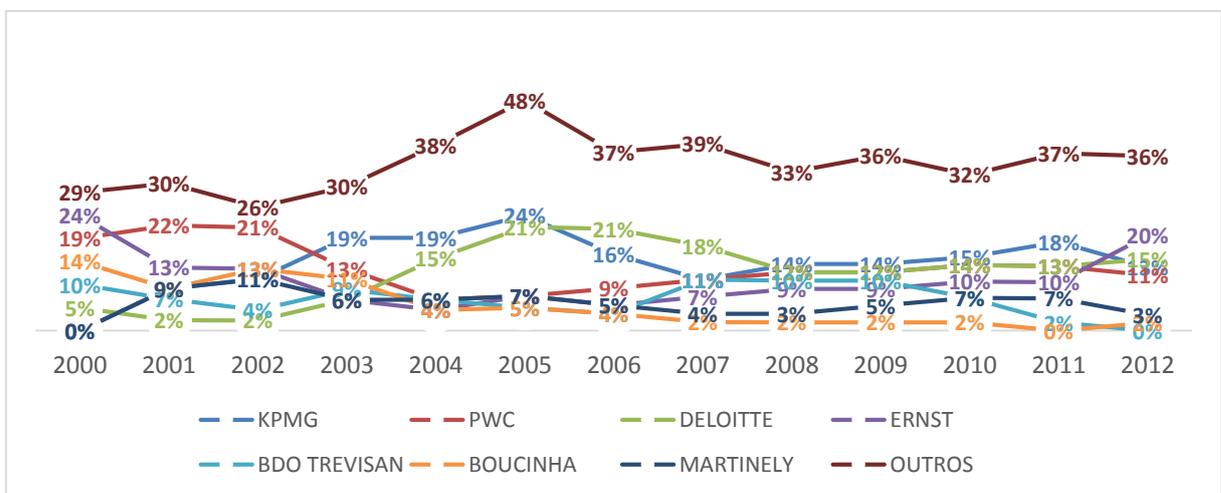


Gráfico 6 – Segmento Industrial.

Fonte - Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

O segmento industrial se mostra um dos mais pulverizados entre as menores empresas de auditoria, sendo que na maioria dos anos o percentual de participações dessas empresas se mantém acima de 30%. A Ernst apresenta um crescimento na participação da auditoria dessas empresas a partir de 2007, chegando em 2012 com 20% deste segmento. A partir de 2003 a KPMG apresenta manutenção no número de empresas que audita este segmento, mantendo uma média de 19% de 2003 a 2004, com leve queda entre 2006 a 2009 e recuperação a partir de 2010. E em 2012 58% deste segmento era auditado pelas “Big Four”.

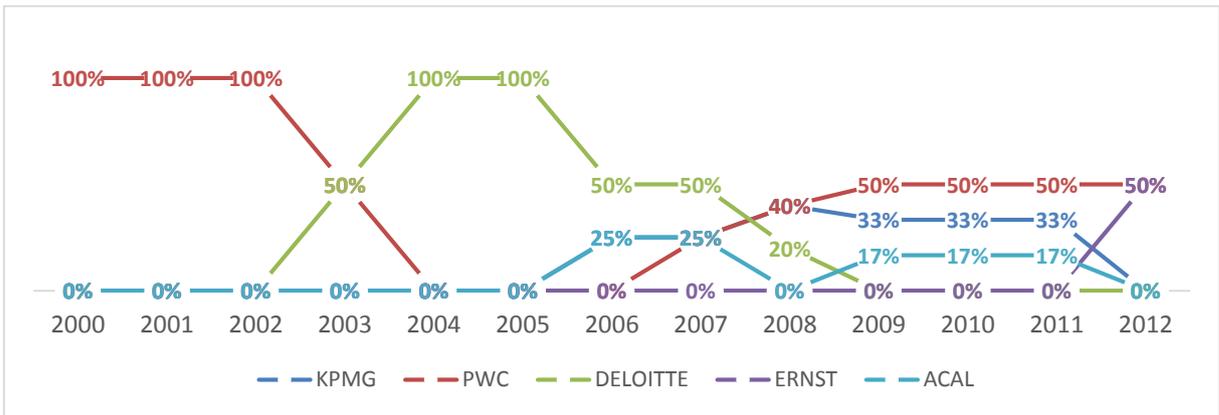


Gráfico 7 – Segmento Mineração.

Fonte - Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

O segmento mineração se manteve altamente concentrado em poucas empresas de auditoria ao longo de todo período analisado. A PWC deteve a totalidade do mercado do ano 2000 a 2002, onde apresentou queda de 50% a.a., chegando a 0% em 2004. A partir de 2007 esta empresa retornou a auditar instituições deste segmento, detendo metade do mercado a partir de 2009. Na contra mão a PWC, a Deloitte iniciou auditoria de empresas deste segmento a partir de 2003, detendo 100% do mercado nos anos de 2004 a 2005. A partir de 2006 esta empresa começa a reduzir sua participação neste mercado, chegando a 0% a partir de 2009. A Ernst se manteve ausente deste segmento até o ano 2011, assumindo a auditoria de 50% dessas empresas em 2012. Juntas, as “Big Four” apresenta 100% deste segmento em praticamente todo o período, exceto pelo aparecimento da empresa ACAL, com 25% nos anos de 2006 a 2007, e 17% no período de 2009 a 2011. Em 2012 PWC e Ernst detém 100% de auditoria deste segmento.

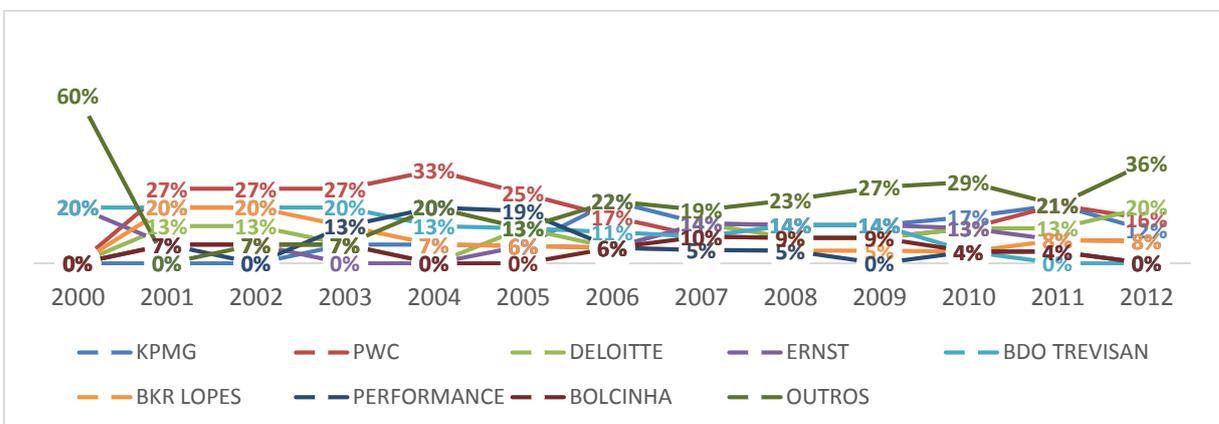


Gráfico 8 – Segmento Outros.

Fonte - Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

O segmento OUTROS é composto por empresas de natureza Instituições de ensino superior, Estacionamentos e locação de lojas, Gerenciamento de concessões públicas, Agropecuária e outros serviços diversos. A PWC foi líder na auditoria dessas empresas de 2001 a 2005, onde começou a perder força, chegando a 9% em 2008. A partir de 2010 apresentou nova alta nas participações, que culminou em 13% do mercado em 2012. A Deloitte apresenta crescente participação no período, chegando a auditar 20% dessas empresas em 2012. A KPMG detém 12% do mercado em 2012, seguida pela BKR Lopes com 8%. Este segmento demonstra uma tendência de aumento na participação entre as empresas de auditoria a partir de 2006, onde o número de empresas classificadas como “OUTROS” apresenta crescente, chegando a 36% deste segmento em 2012. As Big Four detém, em 2012, 52% deste segmento.

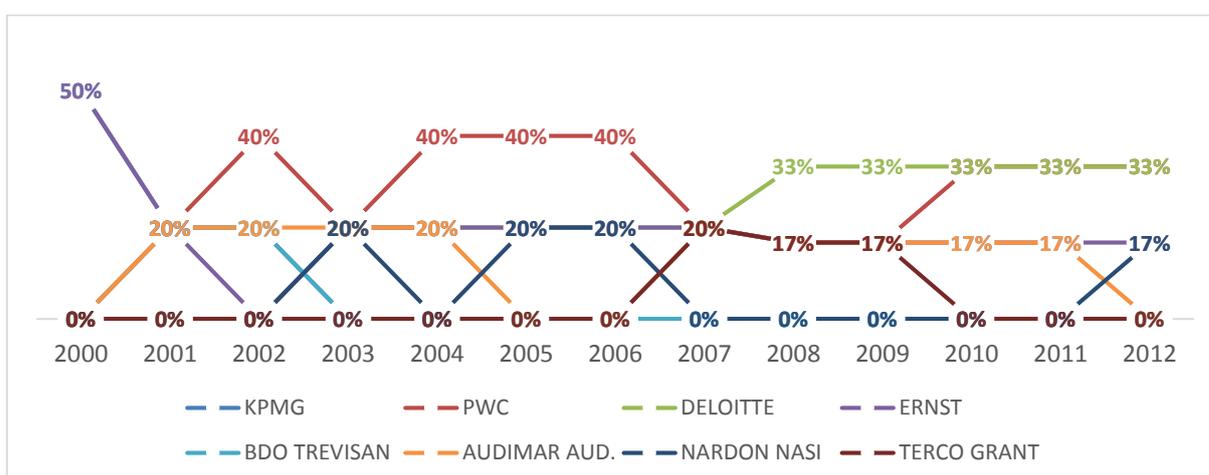


Gráfico9–Segmento Papel e Celulose.

Fonte - Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

A PWC é uma empresa de auditoria que aparece à frente deste segmento em todos os períodos, mantendo a liderança, 40% em 2002 e de 2004 a 2006. A partir de 2010 esta empresa detém 33% da auditoria das empresas deste segmento junto com a Deloitte. A Ernst deteve em 2000 50% e de 2001 a 2007 20% de participação deste mercado, exceto pelo ano de 2002 quando não realizou auditoria neste segmento. A partir de 2008 esta empresa mantém participação de 17%. A Audimar Aud. aparece neste segmento com 20% de participação de 2001 a 2004, reduzindo sua participação a zero no ano de 2005 a 2006. A partir de 2007 esta empresa passa a 20%, detendo 17% de participação até 2011. Em 2012 a Audimar Aud. volta a 0% deste segmento. A Terco Grant aparece neste segmento entre 2007 e 2009. A partir de 2010 deixa de auditar empresas deste segmento. Juntas, PWC, Ernst e Deloitte auditam 83%

deste segmento. Das Big Four, a KPMG configurou 20% deste segmento de 2000 a 2002. A partir de 2006 a KPMG não mais realizou auditoria em empresas deste segmento. Deloitte, PWC e Ernst detém 83% deste segmento em 2012.

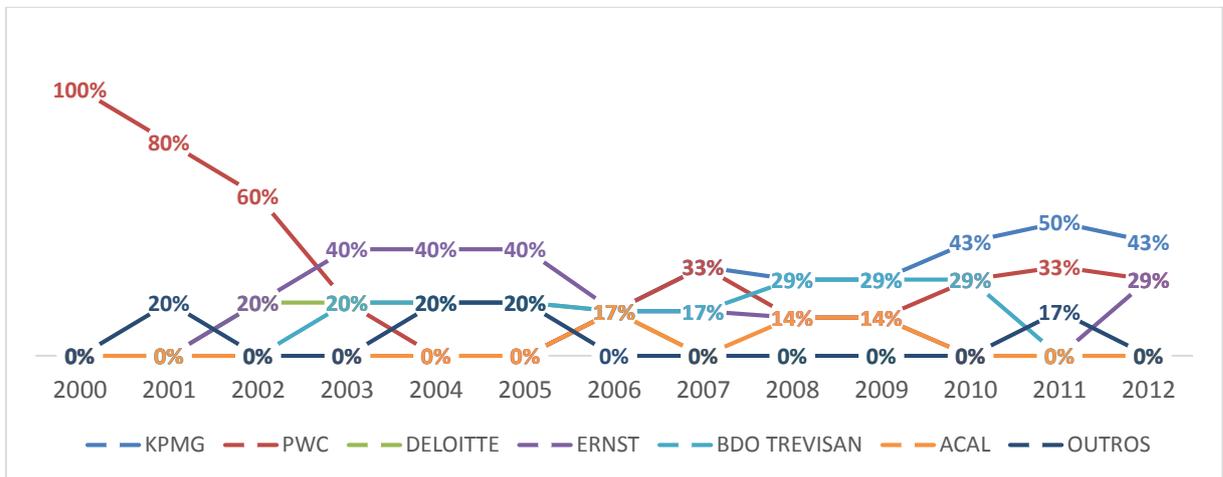


Gráfico10–Segmento Petróleo e Gás.

Fonte - Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

Em 2012 este segmento é auditado 100% pelas Big Four, exceto pela Deloitte que apresenta 0% de participação desde 2007. A KPMG é líder no segmento desde 2010, com 43% das empresas. PWC e Ernst dividem o segundo lugar com 29% cada, contudo, a PWC se mostra a frente da Ernst nos demais períodos analisados, exceto pelo ano de 2003 a 2006, onde a Ernst chegou a deter 40% enquanto que a PWC ficou fora deste mercado por dois anos. A BDO Trevisan aparece com 20% das empresas a partir de 2003, chegando a 29% em 2008 até 2010. A partir de 2011 esta empresa deixou de auditar instituições deste segmento. A ACAL aparece com 17% em 2006, oscilando a 0% em 2007, e com retorno breve, 14% nos anos de 2008 e 2009. A partir de 2010 esta instituição deixou de auditar as empresas deste segmento. A Ernst, KPMG e PWC detém, juntas, em 2012 100%.

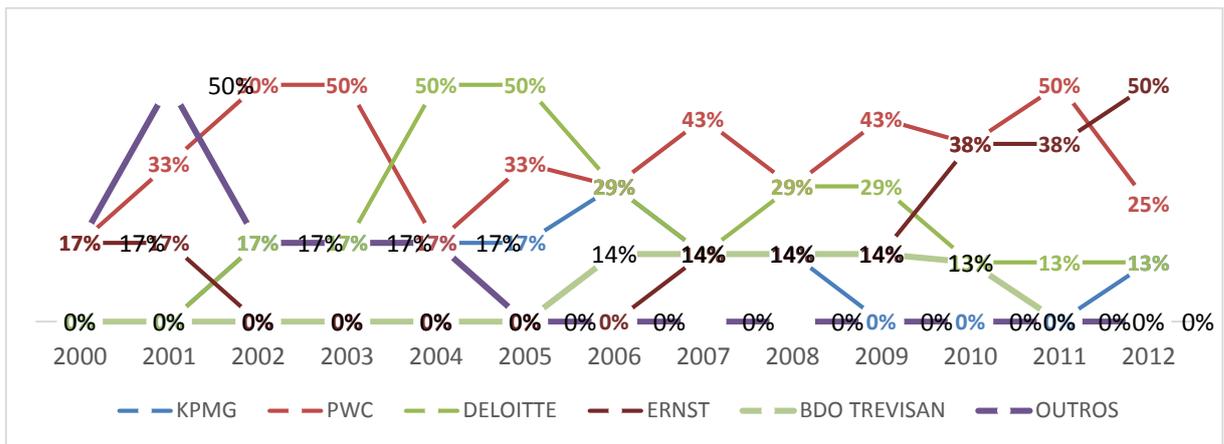


Gráfico 11 – Segmento Petroquímico.

Fonte - Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

No ano de 2000 apenas a PWC e a Ernst detinham o mercado com 17%, a partir de 2001 a 2003 apenas a PWC detinha esse segmento. Em 2004 e 2005 a Deloitte estava à frente com 50%. A KPMG, PWC e Deloitte, juntas, detinham 29% em 2006. Em 2007 e 2009 a PWC com 43% tinha a liderança neste segmento, em 2008 a PWC e a Deloitte detinham 29%, e a KPMG, Ernst e a BDO Trevisan, juntas, detinham 14%. Em de 2010 a PWC e a Ernst lideravam este segmento com 38%. Em 2011 a PWC com 50% detinha o mercado, e em 2012 a Ernst tomava a frente com 50% e a PWC com apenas 25%. Juntas as “Big Four” detêm 100% deste segmento.

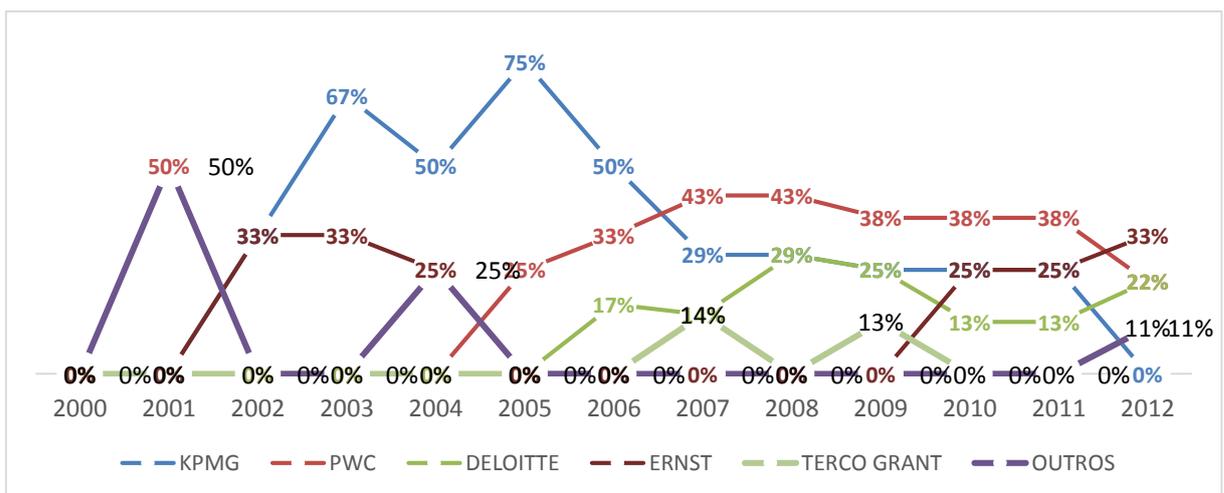


Gráfico 12 – Segmento Saúde.

Fonte - Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

A PWC liderou o segmento de saúde em 2001 com 50%, voltando a liderar em 2007 e 2008 com 43%, em 2009 a 2012 estava à frente com 38%. Em 2002 a KPMG e a Ernst, juntas lideravam com 33%. A partir de 2003 a 2005 a KPMG liderava este segmento com 67% em 2003, 50% em 2004 e 75% em 2005. Em 2012 a Ernst detinha a menor parcela do segmento com 33% liderava, ficando em segundo a Deloitte e a PWC com 22%. Em 2012, das empresas “Big Four” apenas a Deloitte, Ernst e PWC detinham, juntas, 77% deste segmento.

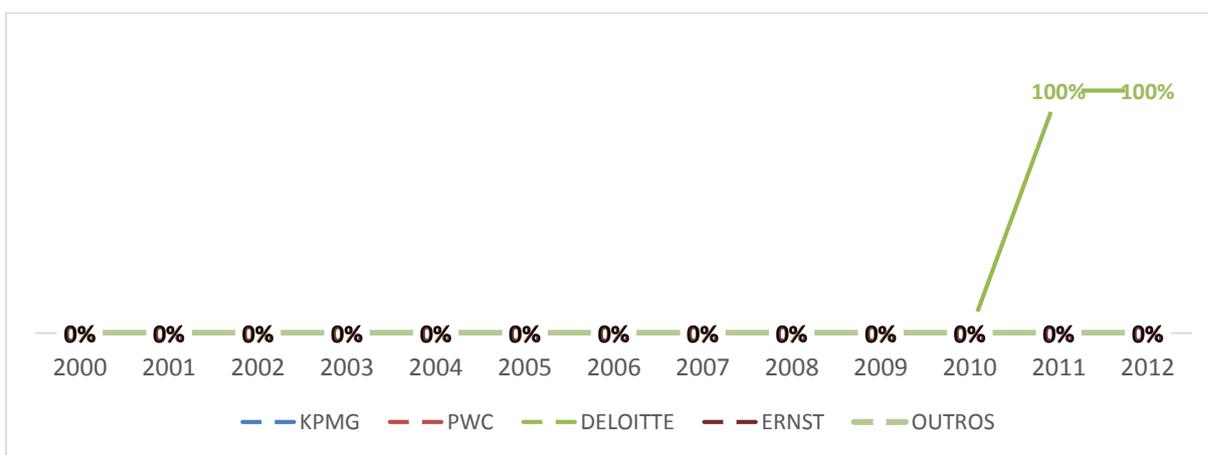


Gráfico13–Segmento Seguros.

Fonte - Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

Este segmento contém apenas uma empresa, que iniciou no mercado em 2011, e a empresa de auditoria que auditava e tinha 100% do mercado do segmento de seguros é a Deloitte, que em 2011 e 2012 detinha 100% de participação no mercado.

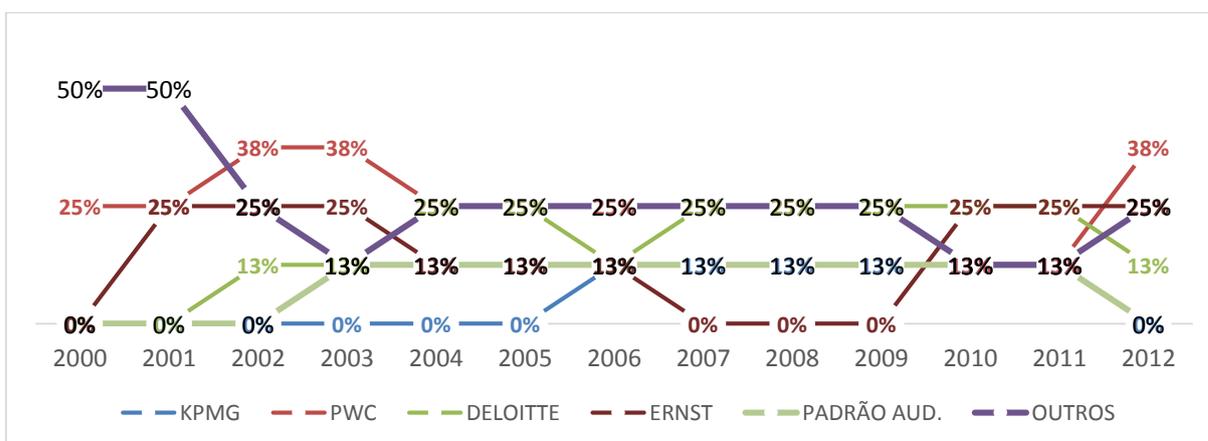


Gráfico14–Segmento Siderúrgico.

Fonte - Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

No ano de 2000 a PWC detinha 25% e estava na liderança, a partir de 2001 a Ernst entra neste segmento e junto com a PWC detinham 25%. Em 2002 a PWC detinha 38% e Ernst 25% e as outras empresas de auditoria detinham 25% também. A partir de 2003 a Padrão aud. e a Deloitte detém, juntas, 13%, e a PWC ainda com 38% lidera, seguida da Ernst com 25%. Em 2004 e 2005 a PWC tem uma queda passa a deter 25% junta a Deloitte. A PWC lidera em 2006 com 35% e as demais com 13%, de 2007 a 2009 a PWC e a Deloitte seguem juntas com 25%. A partir de 2010 a 2011 a Deloitte e a Ernst, juntas detém 25%. Em 2012a PWC volta a liderar este segmento com 38%. Em 2012 as “Big Four” detém, juntas, 76% sendo elas a Deloitte, Ernst e PWC.

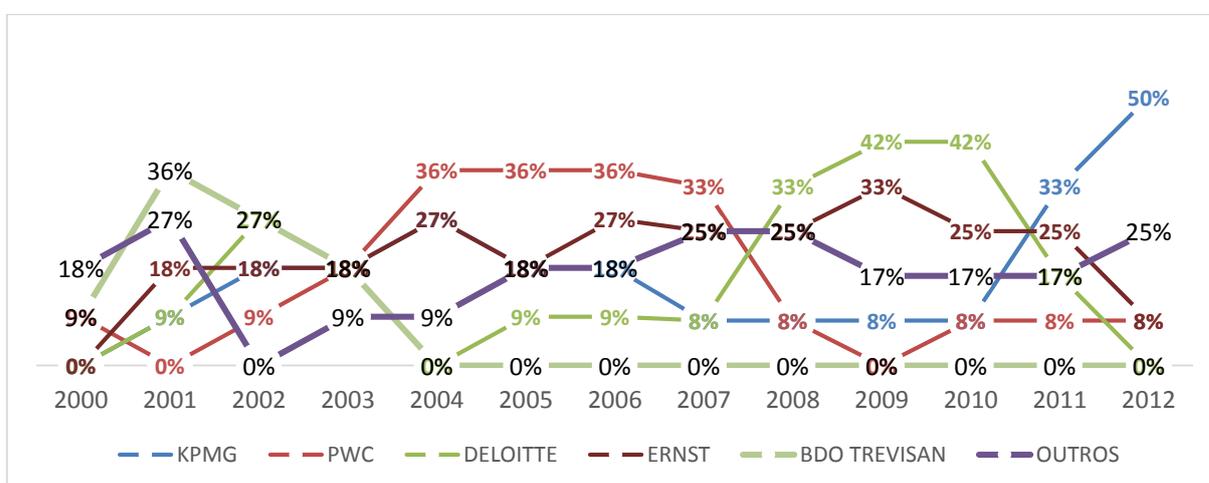


Gráfico15–Segmento Telecomunicações.

Fonte - Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

Em 2011 a BDO Trevisan detinha 36% deste segmento. A partir de 2002 a Deloitte e a BDO Trevisan, juntas, detinham 27%, A KPMG e a Ernst, juntas, detinham 18%. De 2004 a 2007 a PWC detinha o controle com 36% e em 2007 com 33%. Em 2008 com 33% a 2010 com 42% a Deloitte detinha o controle deste segmento. Em 2011 com 33% e 2012 com 50% a PWC lidera. As “Big Four” detém, juntas, 66% deste segmento em 2012.

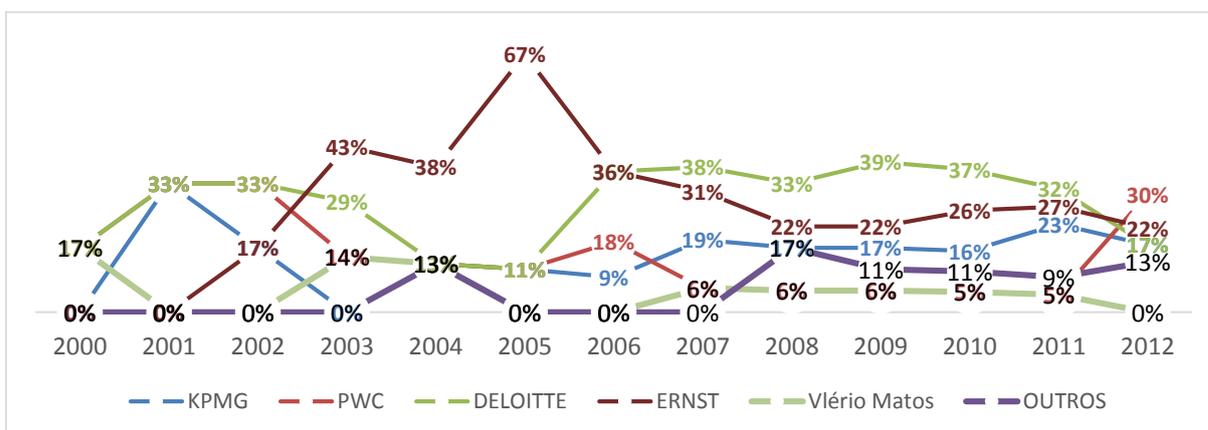


Gráfico16–Segmento Transporte e Logística.

Fonte - Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

A PWC, Deloitte e a Valério Matos detinham, juntas, em 2000 17%. A partir de 2001 a Valério Matos teve uma queda chegando a 0% voltando posteriormente a ter uma leve elevação em 2003 com 14% e em 2004 com uma pequena queda, detendo 13%, em 2007 a 2009 detinha 9%, em 2010 e 2011 5%. A Deloitte e a Ernst forma as que mais auditaram ao longo desse período, em 2001 a 2002a Deloitte detinha 33%, ou seja, estava a frente da Ernst, que apenas em 2003 a 2005 liderava com 67% em 2005. Em 2007 a 2009 Deloitte seguia na frente. Em 2012 as “Big Four” detém, juntas, 86% deste segmento.

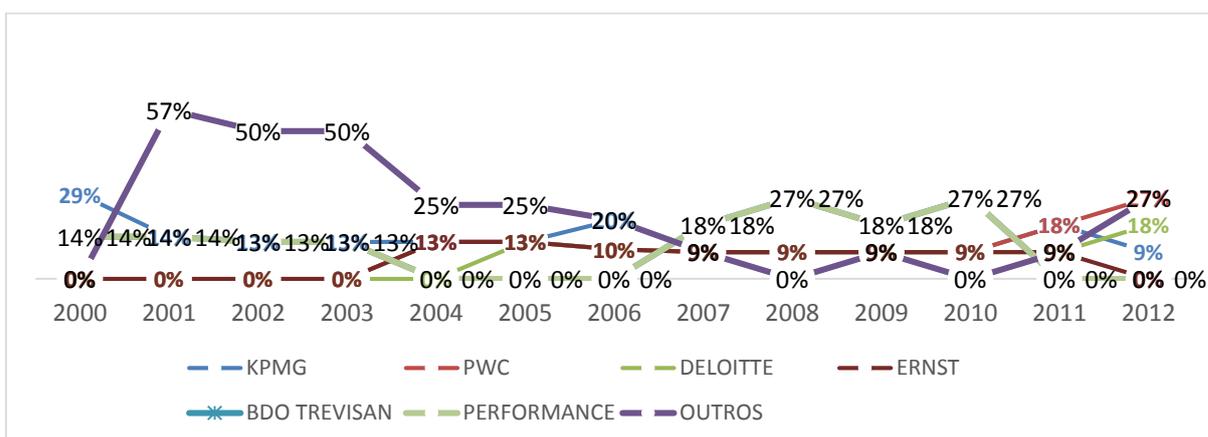


Gráfico17–Segmento Tecnologia e Internet.

Fonte - Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

Neste segmento a KPMG e a Performance detinham, juntas, um total de 13%. Em segundo a BDO Trevisan com 11%. Em terceiro a PWC com 10%. Em quarto a Deloitte e a Ernst com 7%. As outras empresas tiveram 20%. As “Big Four” detinha 54% deste segmento em 2012.

5. CONCLUSÃO

No Brasil o rodízio de auditoria foi um procedimento adotado pelo Banco Central – BACEN, e posteriormente pela Comissão de Valores Mobiliários- CVM, devido os decorrentes escândalos corporativos ocorridos. O objetivo do presente trabalho foi verificar as empresas de auditoria independente que mais auditam instituições listadas na BM&FBOVESPA. Em se tratando de objetivo específico, verificou-se o comportamento por segmento ao final de cada período de 2000 a 2012.

Verificou-se que no segmento de consumo e varejo a Ernst e a Price Waterhouse Coopers foram as que mais tiveram participação no mercado durante 2000 a 2012. No segmento de energia e saneamento as empresas de auditoria, consideradas “Big Four” composta pelas empresas Price Waterhouse Coopers, Deloitte Touche Tohmatsu, KPMG, Ernst & Young detém juntas, mais de 80% das empresas deste segmento em todo o período, chegando em 2012 com 83%. No segmento financeiro as empresas KPMG, PWC e Ernst detém, juntas, 54% do segmento financeiro. No segmento Holding as “Big Four” detém 91% deste segmento em 2012. Em 2012 as “Big Four” detém 68% do segmento Imobiliário e Construção.

Em 2012 as “Big Four” detém 68% do segmento Imobiliário e Construção. No segmento Industrial as “Big Four” representa 59% no mesmo período. Para Mineração as “Big Four”, juntas, detém 100% deste segmento em praticamente todo o período. O segmento OUTROS, composto por empresas de natureza Instituições de ensino superior, Estacionamentos e locação de lojas, Gerenciamento de concessões públicas, Agropecuária e outros serviços diversos é dominado em 52% pelas “Big Four”. No segmento de Papel e Celulose a PWC, Ernst e Deloitte auditam 83% das empresas. Das “Big Four”, a KPMG configurou 20% deste segmento de 2000 a 2002. A partir de 2006 a KPMG não mais realizou auditoria em empresas deste segmento. No segmento de Petróleo e Gás das Big Four a KPMG detinha 43% durante todo o período, a PWC e a Ernst dominavam, juntas 29%.

No segmento Petroquímico das empresas classificadas como “Big Four”, a Ernst é a que mais detém o mercado durante o período em análise com 43%, seguido da PWC com 25%, e a KPMG e a Deloitte, juntas, com 13%. No segmento de Saúde a KPMG e a PWC,

juntas, detinham 30%, a Deloitte e a Ernst, juntas, detinham 14%. No segmento de seguros, com uma empresa a empresa de auditoria que se destacou foi a Deloitte com 100% em 2011 e 2012. No segmento Siderúrgico a PWC liderava com 26%, Deloitte 17%, Ernst 14%, KPMG 6%. No segmento Telecomunicações a empresa Ernst dominava com 21% no período todo, KPMG e Deloitte, juntas, detém 17%, PWC 16%. No segmento Transporte e Logística a Deloitte detém 30% em 2012, a Ernst 27%, a KPMG 16% e a PWC 13%. No segmento de Tecnologia e Internet a presença das “Big Four” não é atuante, apenas a KPMG com 13% e a PWC com 10% a Performance 13% e a BDO Trevisan 11%.

As “Big Four” são as empresas que mais auditam no mercado de empresas listadas na bolsa de valores. Sugere-se para pesquisas futuras avaliar a opinião dos auditores sobre o relatório de auditoria.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcelo Cavalcanti. **Auditoria: um curso moderno e completo**. 8. Ed. São Paulo: Atlas, 2012.

ASSI, Marcos. **O escândalo da Enron: Recordar é viver**. Disponível em [:http://www.marcosassi.com.br](http://www.marcosassi.com.br)> acesso em 8 março. 2013.

BRASIL, Conselho Federal de Contabilidade. Resolução CFC nº 39/66. Dispões sobre: As atividades dos Auditores Independentes. Disponível em: <http://www.cfc.org.br>>. Acesso em: 8 mai. 2013.

BRASIL. Lei 4.728, de 14 de junho de 1965. Dispõe sobre o mercado de capitais e estabelece medidas para o seu desenvolvimento. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 14 de jun. 1965. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_30/Leis/14782.htm>.

BRASIL. Lei 4.595, de 31 de dezembro de 1964. Dispõe sobre a Política e as Instruções Monetárias Bancárias e Creditícias. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 31 de dez. 1964. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_30/Leis/14595.htm>.

BRASIL, Conselho Federal de Contabilidade. Resolução CFC nº 851/99. Dispões sobre: Normas profissionais de Auditor Independente. Disponível em: <http://www.cfc.org.br>>. Acesso em: 8mai. 2013.

BRASIL, Banco Central do Brasil. Resolução nº 220/72. Dispões sobre: Condições para a auditoria dos demonstrativos contábeis de empresas registradas no BACEN. Disponível em: <http://www.bcb.org.br>>. Acesso em: 8mai. 2013.

GABRIELA, Brito Spinetti. **Rodízio de Auditoria**: Uma pesquisa sobre os principais trabalhos publicados nos congresso ANPAD e USP, v. 1, Nov/2012. Disponível em: <http://www.repositório.Uniceub.br/handle/123456789/4690> acesso em: 28 mai. 2013.

BOLSA DE VALORES DE SÃO PAULO – BM&FBOVESPA. *Novo mercado*. São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.bovespa.com.br>. Acesso em: mar. 2013.

CREPALDI, S. A. **Auditoria Contábil**. São Paulo: Atlas, 2009.

COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS- CVM. Recomendações da CVM sobre registro de atividade de auditoria independente, instrução CVM nº 308. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.cvm.gov.br>>. Acesso em: 27 mai. 2013.

CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE- CFC. NBC-TA-200; **Objetivos gerais dos Auditores independentes**. Disponível em: < http://www.cfc.org.br/uparq/NBCTA_200.pdf>. Acesso em: 27 de mai. 2013.

CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE- CFC. NBCT-11-IT-03; **Defini Fraude e Erro**. Disponível em: < <http://www.cfc.org.br/uparq/NBCT-11-IT-03>>. Acesso em: 27 de mai. 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDEN, T.W. **Dossiê Fraudes Corporativas: Consequência e desdobramentos**. Disponível em : <<http://www.rio.rj.gov.br>> acesso em 14 março. 2013.

LOPES, Alexsandro Broedel; MARTINS, Eliseu. **Teoria de Contabilidade: Uma nova abordagem**. São Paulo: Atlas, 2005.

MILLS, John R., Charles William Miller 1894 – 1994, Memoriam S. P. A. C., Price Waterhouse Coopers, 1996.

OLIVEIRA, Alexandre; SANTOS, Neusa. **Rodízio de firmas de auditoria: a experiência brasileira e as conclusões do mercado**. São Paulo. PUC, 2007.

PELEIAS, I. V.; SEGRETI, J. B.; COSTA, C. A. **Comitê de auditoria ou órgãos equivalentes no contexto da Lei Sarbane-Oxley: estudo da percepção dos gestores de empresas brasileiras emitentes de American Depositary Receipts – ADRs**, **Revista Contabilidade Vista & Revista**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 41-65, jan/mar. 2009.

QUEIROZ, A. De Andrade; Rodízio de Firma de Auditoria: A experiência Brasileira e as conclusões de mercado. *Revista de Contabilidade e Finanças – USP*, São Paulo, n. 18, nº 45, p. 91-100, set./ dez. 2007.

RICARDINHO, A.; CARVALHO, L. N. Breve retrospectiva do desenvolvimento das atividades de auditoria no Brasil. **Revista Contabilidade & Finanças**, São Paulo, v. 15, n. 35, p. 1-19, mai/ago. 2004.

PATURE, Felipe. O golpe do balanço fraudado: o maior contribuinte do Leão. **Revista Veja** São Paulo, p.112, 15 ab. 2001. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>> acesso em: 8 mai. 2013 às 16:30.

REVISTA CAPITAL ABERTO. **OS CONTRAS VENCERAM**. Disponível em: <<http://www.capitalaberto.com.br>> acesso em: 10 mar. 2013.

SÁ. A. Lopes de. **Curso de Auditoria**. 10ª Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

RICARDINHO, A. Martins, S.T.A. **Governança Corporativa**: um novo nome para antigas práticas? Revista de Contabilidade e Finanças – USP, São Paulo, n. 36, p. 50-60, set./ dez. 2004.

APÊNDICE – TABELAS DE ANÁLISE

Quadro 1: Segmento Consumo e Varejo.

SEGMENTO CONSUMO E VAREJO																		
Ano	Nº DE EMPRESAS	Nº de empresas que Divulgaram	KPMG		PWC		DELOITTE		ERNST		BDO TREVISAN		HLB AUDILINK		ACTUS		OUTROS	
2000	31	19	0	0%	3	10%	1	3%	1	3%	2	6%	2	6%	1	3%	9	29%
2001	31	30	2	6%	5	16%	4	13%	1	3%	3	10%	1	3%	1	3%	13	42%
2002	31	31	2	6%	6	19%	5	16%	4	13%	3	10%	2	6%	1	3%	8	26%
2003	31	31	1	3%	3	10%	9	29%	7	23%	1	3%	2	6%	1	3%	7	23%
2004	33	33	0	0%	2	6%	11	33%	6	18%	3	9%	0	0%	0	0%	11	33%
2005	34	34	0	0%	2	6%	11	32%	7	21%	2	6%	0	0%	0	0%	12	35%
2006	35	35	5	14%	3	9%	10	29%	5	14%	4	11%	0	0%	0	0%	8	23%
2007	47	47	9	19%	4	9%	6	13%	9	19%	8	17%	1	2%	1	2%	9	19%
2008	50	48	9	18%	4	8%	6	12%	10	20%	10	20%	1	2%	1	2%	9	18%
2009	50	50	8	16%	4	8%	6	12%	10	20%	10	20%	1	2%	1	2%	10	20%
2010	51	51	9	18%	8	16%	4	8%	12	24%	5	10%	1	2%	1	2%	11	22%
2011	54	53	9	17%	9	17%	4	7%	14	26%	3	6%	2	4%	1	2%	11	20%
2012	55	53	9	16%	13	24%	3	5%	13	24%	0	0%	1	2%	1	2%	13	24%
TOTAL	533	515	63	12%	66	12%	80	15%	99	19%	54	10%	14	3%	10	2%	131	25%

Fonte: Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

Quadro 2: Segmento Energia e Saneamento

SEGMENTO ENERGIA E SANEAMENTO																		
PERÍODO	Nº DE EMPRESAS	Nº de empresas que Divulgaram	KPMG		PWC		DELOITTE		ERNST		BDO TRIVISAN		ARTHUR A.		BOUCINHAS		OUTROS	
2000	45	26	0	0%	6	13%	6	13%	2	4%	2	4%	6	13%	0	0%	4	9%
2001	47	47	0	0%	6	13%	19	40%	4	9%	2	4%	13	28%	1	2%	2	4%
2002	52	52	1	2%	8	15%	31	60%	2	4%	3	6%	1	2%	2	4%	4	8%
2003	53	53	0	0%	8	15%	26	49%	3	6%	3	6%	1	2%	4	8%	8	15%
2004	55	55	4	7%	5	9%	26	47%	3	5%	5	9%	1	2%	3	5%	8	15%
2005	58	58	7	12%	2	3%	27	47%	5	9%	8	14%	1	2%	2	3%	6	10%
2006	64	64	18	28%	2	3%	12	19%	12	19%	9	14%	1	2%	1	2%	9	14%
2007	69	68	22	32%	8	12%	5	7%	14	20%	11	16%	0	0%	0	0%	8	12%
2008	71	67	22	31%	7	10%	5	7%	15	21%	10	14%	0	0%	0	0%	8	11%
2009	71	69	21	30%	8	11%	5	7%	15	21%	10	14%	0	0%	0	0%	10	14%
2010	73	71	24	33%	7	10%	7	10%	17	23%	8	11%	0	0%	0	0%	8	11%
2011	74	74	30	41%	8	11%	6	8%	20	27%	0	0%	0	0%	0	0%	10	14%
2012	75	73	12	16%	15	20%	21	28%	12	16%	0	0%	0	0%	0	0%	13	17%
TOTAL	807	777	161	20%	90	11%	196	24%	124	15%	71	9%	24	3%	13	2%	98	12%

Fonte: Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

Quadro 3: Segmento Financeiro

SEGMENTO FINANCEIRO																				
PERÍODO	Nº DE EMPRESAS	Nº de empresas que Divulgaram	KPMG		PWC		DELOITTE		PERFORMANCE		BDO TREVISAN		BKR LOPES		ARTHUR		ERNST		OUTRAS	
2000	65	28	1	2%	4	6%	1	2%	2	3%	6	9%	6	9%	4	6%	0	0%	4	6%
2001	66	65	3	5%	14	21%	2	3%	2	3%	4	6%	21	32%	6	9%	0	0%	14	21%
2002	68	67	5	7%	12	18%	7	10%	2	3%	7	10%	21	31%	0	0%	0	0%	13	19%
2003	69	68	7	10%	14	20%	6	9%	17	25%	7	10%	6	9%	0	0%	1	1%	10	14%
2004	75	75	18	24%	10	13%	10	13%	13	17%	7	9%	3	4%	0	0%	1	1%	13	17%
2005	80	80	21	26%	9	11%	11	14%	12	15%	10	13%	1	1%	0	0%	1	1%	15	19%
2006	90	90	25	28%	11	12%	16	18%	10	11%	13	14%	3	3%	0	0%	4	4%	8	9%
2007	114	106	27	24%	16	14%	14	12%	10	9%	11	10%	3	3%	0	0%	5	4%	20	18%
2008	120	111	31	26%	16	13%	19	16%	11	9%	9	8%	1	1%	0	0%	5	4%	19	16%
2009	126	110	31	25%	14	11%	19	15%	11	9%	9	7%	2	2%	0	0%	5	4%	19	15%
2010	131	106	36	27%	15	11%	16	12%	11	8%	5	4%	2	2%	0	0%	16	12%	5	4%
2011	134	109	40	30%	16	12%	13	10%	10	7%	5	4%	2	1%	0	0%	15	11%	8	6%
2012	137	104	26	19%	22	16%	13	9%	2	1%	0	0%	14	10%	0	0%	26	19%	1	1%
TOTAL	1275	1119	271	21%	173	14%	147	12%	113	9%	93	7%	85	7%	10	1%	79	6%	149	12%

Fonte: Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

Quadro 4: Segmento Holding

SEGMENTO HOLDING														
PERÍODO	Nº DE EMPRESAS	Nº de empresas analisadas	KPMG		PWC		DELOITTE		ERNST		BDO TREVISAN		OUTROS	
2000	10	8	2	20%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	6	60%
2001	14	11	3	21%	4	29%	1	7%	1	7%	0	0%	2	14%
2002	15	15	3	20%	3	20%	5	33%	2	13%	0	0%	2	13%
2003	14	14	1	7%	1	7%	5	36%	3	21%	3	21%	1	7%
2004	15	15	1	7%	0	0%	5	33%	4	27%	3	20%	2	13%
2005	15	15	2	13%	3	20%	6	40%	3	20%	0	0%	1	7%
2006	18	18	3	17%	1	6%	3	17%	2	11%	5	28%	4	22%
2007	19	19	4	21%	1	5%	1	5%	2	11%	9	47%	3	16%
2008	21	21	4	19%	2	10%	1	5%	3	14%	9	43%	2	10%
2009	21	21	4	19%	2	10%	1	5%	3	14%	9	43%	2	10%
2010	21	21	9	43%	2	10%	1	5%	4	19%	4	19%	1	5%
2011	31	31	9	29%	4	13%	1	3%	7	23%	8	26%	2	6%
2012	32	32	5	16%	11	34%	7	22%	6	19%	1	3%	2	6%
TOTAL	246	241	50	20%	34	14%	37	15%	40	16%	51	21%	30	12%

Fonte: Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

Quadro 8: Segmento Imobiliária e Construção

SEGMENTO IMOBILIÁRIA E CONSTRUÇÃO																
PERÍODO	Nº DE EMPRESAS	Nº de empresas que Divulgaram	KPMG		PWC		DELOITTE		ERNST		BDO TREVISAN		TERCO GRANT		OUTROS	
2000	15	3	0	0%	1	7%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	2	13%
2001	18	18	0	0%	3	17%	3	17%	0	0%	3	17%	0	0%	9	50%
2002	18	17	0	0%	2	11%	4	22%	0	0%	3	17%	0	0%	8	44%
2003	18	18	0	0%	1	6%	5	28%	0	0%	4	22%	0	0%	8	44%
2004	20	19	0	0%	1	5%	6	30%	0	0%	4	20%	0	0%	8	40%
2005	21	21	1	5%	2	10%	8	38%	0	0%	2	10%	2	10%	6	29%
2006	24	24	4	17%	3	13%	10	42%	1	4%	2	8%	4	17%	0	0%
2007	37	37	3	8%	3	8%	6	16%	2	5%	3	8%	13	35%	7	19%
2008	37	37	3	8%	2	5%	8	22%	4	11%	1	3%	15	41%	4	11%
2009	39	39	3	8%	2	5%	8	21%	4	10%	1	3%	15	38%	6	15%
2010	44	44	5	11%	4	9%	9	20%	18	41%	0	0%	1	2%	7	16%
2011	50	49	7	14%	3	6%	11	22%	19	38%	0	0%	2	4%	7	14%
2012	53	49	7	13%	5	9%	12	23%	12	23%	3	6%	2	4%	8	15%
TOTAL	53	375	33	62%	32	60%	90	170%	60	113%	26	49%	54	102%	80	151%

Fonte: Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

Quadro 9: Segmento Industrial

SEGMENTO INDUSTRIAL																		
PERÍODO	Nº DE EMPRESAS	Nº de empresas que Divulgaram	KPMG		PWC		DELOITTE		ERNST		BDO TREVISAN		BOUCINHA		MARTINELY		OUTROS	
2000	47	21	0	0%	4	9%	1	2%	5	11%	2	4%	3	6%	0	0%	6	13%
2001	47	46	4	9%	10	21%	1	2%	6	13%	3	6%	4	9%	4	9%	14	30%
2002	47	47	5	11%	10	21%	1	2%	6	13%	2	4%	6	13%	5	11%	12	26%
2003	47	47	9	19%	6	13%	3	6%	3	6%	4	9%	5	11%	3	6%	14	30%
2004	47	47	9	19%	3	6%	7	15%	2	4%	3	6%	2	4%	3	6%	18	38%
2005	54	42	10	19%	3	6%	9	17%	3	6%	2	4%	2	4%	3	6%	20	37%
2006	57	57	9	16%	5	9%	12	21%	3	5%	2	4%	2	4%	3	5%	21	37%
2007	57	57	6	11%	6	11%	10	18%	4	7%	6	11%	1	2%	2	4%	22	39%
2008	58	58	8	14%	7	12%	7	12%	5	9%	6	10%	1	2%	2	3%	19	33%
2009	58	58	8	14%	7	12%	7	12%	5	9%	6	10%	1	2%	3	5%	21	36%
2010	59	59	9	15%	8	14%	8	14%	6	10%	4	7%	1	2%	4	7%	19	32%
2011	60	60	11	18%	8	13%	8	13%	6	10%	1	2%	0	0%	4	7%	22	37%
2012	62	61	8	13%	7	11%	9	15%	12	19%	0	0%	1	2%	2	3%	22	35%
TOTAL	700	660	96	14%	84	12%	83	12%	66	9%	41	6%	29	4%	38	5%	230	33%

Fonte: Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

Quadro 10: Segmento Mineração

SEGMENTO MINERAÇÃO												
PERÍODO	Nº DE EMPRESAS	Nº de empresas que Divulgaram	KPMG		PWC		DELOITTE		ERNST		ACAL	
2000	2	2	0	0%	2	100%	0	0%	0	0%	0	0%
2001	2	2	0	0%	2	100%	0	0%	0	0%	0	0%
2002	2	2	0	0%	2	100%	0	0%	0	0%	0	0%
2003	2	2	0	0%	1	50%	1	50%	0	0%	0	0%
2004	2	2	0	0%	0	0%	2	100%	0	0%	0	0%
2005	2	2	0	0%	0	0%	2	100%	0	0%	0	0%
2006	4	4	1	25%	0	0%	2	50%	0	0%	1	25%
2007	4	4	1	25%	1	25%	2	50%	0	0%	1	25%
2008	5	5	2	40%	2	40%	1	20%	0	0%	0	0%
2009	6	6	2	33%	3	50%	0	0%	0	0%	1	17%
2010	6	6	2	33%	3	50%	0	0%	0	0%	1	17%
2011	6	6	2	33%	3	50%	0	0%	0	0%	1	17%
2012	6	6	0	0%	3	50%	0	0%	3	50%	0	0%
TOTAL	49	49	10	20%	22	45%	10	20%	3	6%	5	10%

Fonte: Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

Quadro 11: Segmento Outros

SEGMENTO OUTROS																				
PERÍODO	Nº DE EMPRESAS	Nº de empresas que Divulgaram	KPMG		PWC		DELOITTE		ERNST		BDO TREVISAN		BKR LOPES		PERFORMANCE		BOLCINHA		OUTROS	
2000	14	5	0	0%	0	29%	0	14%	1	7%	1	21%	0	21%	0	7%	0	7%	3	0%
2001	15	15	0	0%	4	27%	2	13%	1	7%	3	20%	3	20%	1	0%	1	7%	0	7%
2002	15	15	0	0%	4	27%	2	13%	1	7%	3	20%	3	20%	0	0%	1	7%	1	7%
2003	15	15	1	7%	4	27%	1	7%	0	0%	3	20%	2	13%	2	13%	1	7%	1	7%
2004	15	15	1	7%	5	33%	0	0%	0	0%	2	13%	1	7%	3	20%	0	0%	3	20%
2005	16	16	1	6%	4	25%	2	13%	1	6%	2	13%	1	6%	3	19%	0	0%	2	13%
2006	18	18	4	22%	3	17%	1	6%	1	6%	2	11%	1	6%	1	6%	1	6%	4	22%
2007	21	21	3	14%	2	10%	3	14%	3	14%	2	10%	1	5%	1	5%	2	10%	4	19%
2008	22	22	3	14%	2	9%	2	9%	3	14%	3	14%	1	5%	1	5%	2	9%	5	23%
2009	24	22	3	13%	2	8%	2	8%	3	13%	3	13%	1	4%	0	0%	2	8%	6	25%
2010	25	24	4	16%	3	12%	3	12%	3	12%	1	4%	1	4%	1	4%	1	4%	7	28%
2011	27	24	5	19%	5	19%	3	11%	2	7%	0	0%	2	7%	1	4%	1	4%	5	19%
2012	27	25	3	11%	4	15%	5	19%	2	7%	0	0%	2	7%	0	0%	0	0%	9	33%
TOTAL	254	237	28	11%	42	17%	26	10%	21	8%	25	10%	19	7%	14	6%	12	5%	50	20%

Fonte: Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

Quadro 12: Segmento Papel e Celulose

SEGMENTO PAPEL E CELULOSE																		
PERÍODO	Nº DE EMPRESAS	Nº de empresas que Divulgaram	KPMG		PWC		DELOITTE		ERNST		BDO TREVISAN		AUDIMAR AUD.		NARDON NASI		TERCO GRANT	
2000	5	2	1	20%	0	0%	0	0%	1	20%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
2001	5	5	1	20%	1	20%	0	0%	1	20%	1	20%	1	20%	0	0%	0	0%
2002	5	5	1	20%	2	40%	0	0%	0	0%	1	20%	1	20%	0	0%	0	0%
2003	5	5	0	0%	1	20%	1	20%	1	20%	0	0%	1	20%	1	20%	0	0%
2004	5	5	0	0%	2	40%	1	20%	1	20%	0	0%	1	20%	0	0%	0	0%
2005	5	5	0	0%	2	40%	1	20%	1	20%	0	0%	0	0%	1	20%	0	0%
2006	5	5	0	0%	2	40%	1	20%	1	20%	0	0%	0	0%	1	20%	0	0%
2007	5	5	0	0%	1	20%	1	20%	1	20%	0	0%	1	20%	0	0%	1	20%
2008	6	6	0	0%	1	17%	2	33%	1	17%	0	0%	1	17%	0	0%	1	17%
2009	6	6	0	0%	1	17%	2	33%	1	17%	0	0%	1	17%	0	0%	1	17%
2010	6	6	0	0%	2	33%	2	33%	1	17%	0	0%	1	17%	0	0%	0	0%
2011	6	6	0	0%	2	33%	2	33%	1	17%	0	0%	1	17%	0	0%	0	0%
2012	6	6	0	0%	2	33%	2	33%	1	17%	0	0%	0	0%	1	17%	0	0%
TOTAL	70	67	3	4%	20	29%	15	21%	12	17%	2	3%	9	13%	4	6%	3	4%

Fonte: Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

Quadro 13: Segmento Petróleo e Gás

SEGMENTO PETRÓLEO E GÁS																
PERÍODO	Nº DE EMPRESAS	Nº de empresas que Divulgaram	KPMG	PWC	DELOITTE	ERNST	BDO TREVISAN	ACAL	OUTROS							
2000	5	3	0	0%	3	60%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
2001	5	5	0	0%	4	80%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	20%
2002	5	5	0	0%	3	60%	1	20%	1	20%	0	0%	0	0%	0	0%
2003	5	5	0	0%	1	20%	1	20%	2	40%	1	20%	0	0%	0	0%
2004	5	5	0	0%	0	0%	1	20%	2	40%	1	20%	0	0%	1	20%
2005	5	5	0	0%	0	0%	1	20%	2	40%	1	20%	0	0%	1	20%
2006	6	6	1	17%	1	17%	1	17%	1	17%	1	17%	1	17%	0	0%
2007	6	6	2	33%	2	33%	0	0%	1	17%	1	17%	0	0%	0	0%
2008	7	7	2	29%	1	14%	0	0%	1	14%	2	29%	1	14%	0	0%
2009	7	7	2	29%	1	14%	0	0%	1	14%	2	29%	1	14%	0	0%
2010	7	7	3	43%	2	29%	0	0%	0	0%	2	29%	0	0%	0	0%
2011	7	6	3	43%	2	29%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	14%
2012	7	7	3	43%	2	29%	0	0%	2	29%	0	0%	0	0%	0	0%
TOTAL	77	74	16	21%	22	29%	5	6%	13	17%	11	14%	4	5%	4	5%

Fonte: Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

Quadro 14: Segmento Petroquímico

SEGMENTO PETROQUÍMICO															
PERÍODO	Nº DE EMPRESAS	Nº de empresas que Divulgaram	KPMG	PWC	DELOITTE	ERNST	BDO TREVISAN	OUTROS							
2000	6	3	0	0%	1	17%	0	0%	1	17%	0	0%	1	17%	
2001	6	6	0	0%	2	33%	0	0%	1	17%	0	0%	3	50%	
2002	6	6	1	17%	3	50%	1	17%	0	0%	0	0%	1	17%	
2003	6	6	1	17%	3	50%	1	17%	0	0%	0	0%	1	17%	
2004	6	6	1	17%	1	17%	3	50%	0	0%	0	0%	1	17%	
2005	6	6	1	17%	2	33%	3	50%	0	0%	0	0%	0	0%	
2006	7	7	2	29%	2	29%	2	29%	0	0%	1	14%	0	0%	
2007	7	7	1	14%	3	43%	1	14%	1	14%	1	14%	0	0%	
2008	7	7	1	14%	2	29%	2	29%	1	14%	1	14%	0	0%	
2009	7	7	0	0%	3	43%	2	29%	1	14%	1	14%	0	0%	
2010	8	8	0	0%	3	38%	1	13%	3	38%	1	13%	0	0%	
2011	8	4	0	0%	4	50%	1	13%	3	38%	0	0%	0	0%	
2012	8	8	1	13%	2	25%	1	13%	4	50%	0	0%	0	0%	
TOTAL	88	81	9	10%	31	35%	18	20%	15	17%	4	5%	7	8%	

Fonte: Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

Quadro 15: Segmento Saúde

SEGMENTO SAÚDE															
PERÍODO	Nº DE EMPRESAS	Nº de empresas que Divulgaram	KPMG	PWC	DELOITTE	ERNST	TERCO GRANT	OUTROS							
2000	2	0	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	
2001	2	2	0	0%	1	50%	0	0%	0	0%	0	0%	1	50%	
2002	3	2	1	33%	0	0%	0	0%	1	33%	0	0%	0	0%	
2003	3	3	2	67%	0	0%	0	0%	1	33%	0	0%	0	0%	
2004	4	4	2	50%	0	0%	0	0%	1	25%	0	0%	1	25%	
2005	4	4	3	75%	1	25%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	
2006	6	6	3	50%	2	33%	1	17%	0	0%	0	0%	0	0%	
2007	7	7	2	29%	3	43%	1	14%	0	0%	1	14%	0	0%	
2008	7	7	2	29%	3	43%	2	29%	0	0%	0	0%	0	0%	
2009	8	8	2	25%	3	38%	2	25%	0	0%	1	13%	0	0%	
2010	8	8	2	25%	3	38%	1	13%	2	25%	0	0%	0	0%	
2011	8	8	2	25%	3	38%	1	13%	2	25%	0	0%	0	0%	
2012	9	9	0	0%	2	22%	2	22%	3	33%	1	11%	1	11%	
TOTAL	71	68	21	30%	21	30%	10	14%	10	14%	3	4%	3	4%	

Fonte: Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

Quadro 16: Segmento Seguros

SEGMENTO SEGUROS												
PERÍODO	Nº DE EMPRESAS	Nº de empresas que										
		Divulgaram	KPMG		PWC		DELOITTE		ERNST		OUTROS	
2000	0	0	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!
2001	0	0	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!
2002	0	0	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!
2003	0	0	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!
2004	0	0	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!
2005	0	0	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!
2006	0	0	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!
2007	0	0	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!
2008	0	0	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!
2009	0	0	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!
2010	0	0	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!	0	#DIV/0!
2011	1	1	0	0%	0	0%	1	100%	0	0%	0	0%
2012	1	1	0	0%	0	0%	1	100%	0	0%	0	0%
TOTAL	2	2	0	0%	0	0%	2	100%	0	0%	0	0%

Fonte: Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

Quadro 17: Segmento Siderúrgico

SEGMENTO SIDERÚRGICO														
PERÍODO	Nº DE EMPRESAS	Nº de empresas que												
		Divulgaram	KPMG		PWC		DELOITTE		ERNST		PADRÃO AUD.		OUTROS	
2000	8	6	0	0%	2	25%	0	0%	0	0%	0	0%	4	50%
2001	8	8	0	0%	2	25%	0	0%	2	25%	0	0%	4	50%
2002	8	8	0	0%	3	38%	1	13%	2	25%	0	0%	2	25%
2003	8	8	0	0%	3	38%	1	13%	2	25%	1	13%	1	13%
2004	8	8	0	0%	2	25%	2	25%	1	13%	1	13%	2	25%
2005	8	8	0	0%	2	25%	2	25%	1	13%	1	13%	2	25%
2006	8	8	1	13%	2	25%	1	13%	1	13%	1	13%	2	25%
2007	8	8	1	13%	2	25%	2	25%	0	0%	1	13%	2	25%
2008	8	8	1	13%	2	25%	2	25%	0	0%	1	13%	2	25%
2009	8	8	1	13%	2	25%	2	25%	0	0%	1	13%	2	25%
2010	8	8	1	13%	1	13%	2	25%	2	25%	1	13%	1	13%
2011	8	8	1	13%	1	13%	2	25%	2	25%	1	13%	1	13%
2012	8	8	0	0%	3	38%	1	13%	2	25%	0	0%	2	25%
TOTAL	104	102	6	6%	27	26%	18	17%	15	14%	9	9%	27	26%

Fonte: Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

Quadro 18: Segmento Telecomunicações

SEGMENTO TELECOMUNICAÇÕES														
PERÍODO	Nº DE EMPRESAS	Nº de empresas que												
		Divulgaram	KPMG		PWC		DELOITTE		ERNST		BDO TREVISAN		OUTROS	
2000	11	4	0	0%	1	9%	0	0%	0	0%	1	9%	2	18%
2001	11	11	1	9%	0	0%	1	9%	2	18%	4	36%	3	27%
2002	11	11	2	18%	1	9%	3	27%	2	18%	3	27%	0	0%
2003	11	11	2	18%	2	18%	2	18%	2	18%	2	18%	1	9%
2004	11	11	3	27%	4	36%	0	0%	3	27%	0	0%	1	9%
2005	11	11	2	18%	4	36%	1	9%	2	18%	0	0%	2	18%
2006	11	11	2	18%	4	36%	1	9%	3	27%	0	0%	2	18%
2007	12	12	1	8%	4	33%	1	8%	3	25%	0	0%	3	25%
2008	12	12	1	8%	1	8%	4	33%	3	25%	0	0%	3	25%
2009	12	12	1	8%	0	0%	5	42%	4	33%	0	0%	2	17%
2010	12	12	1	8%	1	8%	5	42%	3	25%	0	0%	2	17%
2011	12	12	4	33%	1	8%	2	17%	3	25%	0	0%	2	17%
2012	12	11	6	50%	1	8%	0	0%	1	8%	0	0%	3	25%
TOTAL	149	141	26	17%	24	16%	25	17%	31	21%	10	7%	26	17%

Fonte: Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

Quadro 19: Segmento Transporte e Logística

SEGMENTO TRANSPORTE E LOGISTICA														
PERÍODO	Nº DE EMPRESAS	Nº de empresas que Divulgaram	KPMG		PWC		DELOITTE		ERNST	Vlério Matos		OUTROS		
2000	6	3	0	0%	1	17%	1	17%	0	0%	1	17%	0	0%
2001	6	6	2	33%	2	33%	2	33%	0	0%	0	0%	0	0%
2002	6	6	1	17%	2	33%	2	33%	1	17%	0	0%	0	0%
2003	7	7	0	0%	1	14%	2	29%	3	43%	1	14%	0	0%
2004	8	8	1	13%	1	13%	1	13%	3	38%	1	13%	1	13%
2005	9	9	1	11%	1	11%	1	11%	6	67%	0	0%	0	0%
2006	11	11	1	9%	2	18%	4	36%	4	36%	0	0%	0	0%
2007	16	16	3	19%	1	6%	6	38%	5	31%	1	6%	0	0%
2008	18	18	3	17%	1	6%	6	33%	4	22%	1	6%	3	17%
2009	18	18	3	17%	1	6%	7	39%	4	22%	1	6%	2	11%
2010	19	19	3	16%	1	5%	7	37%	5	26%	1	5%	2	11%
2011	22	22	5	23%	1	5%	7	32%	6	27%	1	5%	2	9%
2012	23	23	4	17%	7	30%	4	17%	5	22%	0	0%	3	13%
TOTAL	169	166	27	16%	22	13%	50	30%	46	27%	8	5%	13	8%

Fonte: Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.

Quadro 20: Segmento Tecnologia e Internet

SEGMENTO TECNOLOGIA E INTERNET																
PERÍODO	Nº DE EMPRESAS	Nº de empresas que Divulgaram	KPMG		PWC		DELOITTE		ERNST	BDO TREVISAN		PERFORMANCE		OUTROS		
2000	7	3	2	29%	0	0%	0	0%	0	0%	1	14%	0	0%	0	0%
2001	7	6	1	14%	0	0%	0	0%	0	0%	1	14%	0	0%	4	57%
2002	8	6	1	13%	0	0%	0	0%	0	0%	1	13%	0	0%	4	50%
2003	8	6	1	13%	0	0%	0	0%	0	0%	1	13%	0	0%	4	50%
2004	8	7	1	13%	1	13%	0	0%	1	13%	0	0%	2	25%	2	25%
2005	8	8	1	13%	1	13%	1	13%	1	13%	0	0%	2	25%	2	25%
2006	10	9	2	20%	1	10%	1	10%	1	10%	0	0%	2	20%	2	20%
2007	11	9	1	9%	1	9%	1	9%	1	9%	2	18%	2	18%	1	9%
2008	11	9	1	9%	1	9%	1	9%	1	9%	3	27%	2	18%	0	0%
2009	11	9	1	9%	1	9%	1	9%	1	9%	2	18%	2	18%	1	9%
2010	11	9	1	9%	1	9%	1	9%	1	9%	3	27%	2	18%	0	0%
2011	11	9	2	18%	2	18%	1	9%	1	9%	0	0%	2	18%	1	9%
2012	11	9	1	9%	3	27%	2	18%	0	0%	0	0%	0	0%	3	27%
TOTAL	122	99	16	13%	12	10%	9	7%	8	7%	14	11%	16	13%	24	20%

Fonte: Elaborado pela autora, a partir do levantamento realizado no sítio da BM&FBOVESPA.